

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

RAQUEL CRISTINA ROCHA DA SILVA

**RACISMO INSTITUCIONAL: MULHERES NEGRAS  
NAS SALAS DE AULA E NO MERCADO DE  
TRABALHO**

RECIFE/2023

RAQUEL CRISTINA ROCHA DA SILVA

**RACISMO INSTITUCIONAL: MULHERES NEGRAS  
NAS SALAS DE AULA E NO MERCADO DE  
TRABALHO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro  
Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharelado em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Cecília Beltrão Raposo  
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Paula Bornhausen da Silva  
Bandeira

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586r Silva, Raquel Cristina Rocha da.  
Racismo institucional: mulheres negras nas salas de aula e no mercado  
de trabalho / Raquel Cristina Rocha da Silva. - Recife: O Autor, 2023.  
32 p.

Orientador(a): Ma. Maria Cecília Beltrão Raposo.  
Coorientador(a): Dra. Ana Paula Bornhausen da Silva Bandeira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Jornalismo, 2023.

Inclui Referências.

1. Jornalismo. 2. Educação. 3. Videorreportagem. 4. Mercado de  
trabalho. 5. Mulher negra. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II.  
Título.

CDU: 070

*Dedico este trabalho a Deus, dono de toda a ciência, sabedoria e entendimento. Autor e consumidor da fé, a quem devemos dar toda honra, glória e louvor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a Deus por ser meu parceiro de sempre. Mesmo sendo auto-suficiente, Ele aceitou trabalhar em parceria comigo. Sem Ele, nada do que foi feito teria sido feito, pois devo minha inspiração, talento e capacidade a Ele. Sou extremamente grata pela fé que foi plantada em meu coração, pois sem ela eu não teria chegado até aqui. Para conseguir entrar na faculdade, precisei obedecer a voz de Deus e crer que era possível. Comecei a trabalhar na rua com o intuito de chamar a atenção de Deus para mim, porque estava desempregada. Entreguei vários currículos e ninguém quis me contratar naquela época, mas com a direção de Deus as coisas mudaram. Se eu não tivesse obedecido o “vai” de Deus, não teria removido as montanhas que haviam na minha frente. O “vai” foi para eu ir trabalhar na rua com vendas, eu nem imaginava onde aquilo iria me levar, mas me trouxe até a realização de um sonho que eu tinha antes de chegar à Igreja Universal. Quando entrei na igreja procurando uma luz para a minha vida, me encontrava perdida e sem perspectiva e Deus me mostrou que Ele podia mudar toda a minha história. Meu foco era só cuidar da minha vida espiritual, mas na igreja também aprendi que Deus nos dava a fé para conquistar uma vida profissional e financeira diferente. Agradeço à Universal por todo o apoio e acolhimento durante os nove anos que conheço o trabalho da igreja e frequento as reuniões, através das quais recebo a direção que o Espírito Santo nos dá para alcançar uma vida plena. Agradeço a dona Ana Paula Mendes Estevão, que insistiu diversas vezes para que eu fizesse alguma coisa da minha vida e não aceitasse ficar na situação que estava. Agradeço pela ajuda espiritual, apoio e acolhimento quando eu passava por situações difíceis e ainda não sabia como agir, por falta de experiência com Deus. Dona Paula, obrigada por acreditar e investir em mim quando ninguém mais dava nada por mim. A senhora sempre esteve ao meu lado, me dando conselhos e apoio. Agradeço também à minha orientadora de TCC, Cecília Beltrão, que não me deixou desistir do trabalho. Quando pensei em desistir, ela me incentivou a continuar e me ajudou na composição do relatório. Agradeço ainda à minha coorientadora Ana Paula Bandeira, que esteve sempre disponível para tirar minhas dúvidas durante todo o curso. Agradeço a vocês duas, Ana Paula e Cecília, por fazerem a diferença na minha vida e serem sempre receptivas comigo, se desejarem, podem continuar fazendo parte da minha vida após a faculdade.

*“Desde menino,  
eu sempre frequentei pessoas  
que me ajudaram intelectualmente (...).”  
O jornalismo nos livros (Cláudio Abramo)*

## RESUMO

Dados do IBGE mostram o posicionamento social das mulheres negras na educação e no mercado de trabalho e citam limitações que elas enfrentam ao se depararem com uma sociedade racista, o que pode impactar no desenvolvimento profissional delas. Este trabalho se propõe a mostrar histórias de mulheres negras e seus desafios no ensino básico, no ensino superior e no mercado de trabalho, através de uma grande reportagem em vídeo. Para a composição deste documento foram consultadas referências bibliográficas e levantados dados estatísticos, além de elaborado um roteiro de vídeo e de perguntas para realização de entrevistas a fontes selecionadas. O resultado final foi a reportagem em vídeo que mostra a trajetória de vida de mulheres negras e referenda que as questões raciais e sexistas interferem no seu desenvolvimento profissional.

**Palavras-chave:** jornalismo; educação; videoreportagem; mercado de trabalho; mulher negra.

## **ABSTRACT**

IBGE data show the social positioning of black women in education and the job market and cite limitations they face when faced with a racist society, which can impact their professional development. This work aims to show stories of black women and their challenges in basic education, higher education and the job market, through a large video report. To compose this document, bibliographical references were consulted and statistical data were collected, in addition to preparing a video script and questions to conduct interviews with selected sources. The final result was the video report that shows the life trajectory of black women and confirms that racial and sexist issues interfere with their professional development.

**Keywords:** journalism; education; video reporting; job market; black Woman.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1 OBJETIVO GERAL .....	13
<b>1.1.1 Objetivos específicos</b> .....	<b>13</b>
1.2 JUSTIFICATIVA .....	13
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>16</b>
2.1 PAUTA .....	16
2.2 REPORTAGEM .....	17
2.3 ENTREVISTA .....	20
2.4 APURAÇÃO .....	21
2.5 DECUPAGEM .....	23
2.6 ROTEIRO .....	23
2.7 EDIÇÃO .....	24
2.8 A IMPORTÂNCIA DA PASSAGEM DO REPÓRTER .....	26
<b>3 MULHERES NEGRAS</b> .....	<b>28</b>
3.1 EDUCAÇÃO BÁSICA .....	29
3.2 ENSINO SUPERIOR .....	30
3.3 MERCADO DE TRABALHO .....	32
<b>4 PROCESSO DE PRODUÇÃO DA REPORTAGEM</b> .....	<b>35</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>40</b>
<b>APÊNDICE A – Link para a reportagem</b> .....	<b>44</b>

<b>APÊNDICE B – Roteiro da reportagem .....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE C – Roteiro de perguntas .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 e iniciaram o tráfico negreiro em 1550. Com a luta dos negros para acabar com a escravidão, em 1850 houve a proibição do comércio negreiro e, em 1888, a Lei Áurea foi assinada, livrando os negros da dominação racial. Porém, em 1824 havia sido implantada uma lei que proibia os negros de estudarem e, em 1850, a partir do fim do tráfico negreiro, a lei de terras foi implantada, proibindo os negros de adquirirem propriedades para morar ou trabalhar, o que obrigava a classe negra a continuar trabalhando para os brancos. Sem capacitação e boas oportunidades de trabalho, muitos negros, após a abolição, viram-se sem trabalho, sem-terra e sem educação e precisaram se incluir no subemprego, que os levaram a uma condição de trabalho escravizada (PRETO, 2019).

Passaram-se anos após o período de escravidão e a situação profissional de grande maioria das mulheres negras ainda se encontra precária, pois o racismo estrutural continua moldando o pensamento racista de boa parte da sociedade, excluindo as negras de oportunidade de desenvolvimento profissional (SANTOS et al., 2020 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). A falta de oportunidade acaba destinando as mulheres negras a cargos que envolvem serviços domésticos (SANTOS; FILGUEIRAS, 2020 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). Para a sociedade racista e sexista elas não são capazes de trabalhar em cargos considerados importantes e não podem ocupar posições de destaque profissional (SANTOS et al., 2020 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). Isso mostra o quanto elas vêm sendo vítimas da dupla discriminação social, que é a junção do racismo e do sexismo (SANTOS; DIOGO; SCHUCMAN, 2014 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022).

De acordo com dados da série de documentários do UOL “Como ela faz?” (UOL, 2019), no Brasil, a taxa de analfabetismo dos brancos é de 3,9%, enquanto entre os negros a porcentagem é 9,1%. Nas universidades do país, apenas 0,4% do corpo docente de pós-graduação e 16,24% das professoras universitárias são mulheres negras. Entre as trabalhadoras domésticas, 63% são mulheres negras. Já nos cargos de alta liderança, a porcentagem de mulheres negras é baixa, elas ocupam menos de 1% dos cargos de presidente (CEO), menos de 2% dos cargos de vice-presidente, 1,6% dos cargos de gerência e menos de 1% dos conselhos.

Dentro do perfil das mulheres negras encontramos 1,52% engenheiras, 6,95% advogadas, 7,37% dentistas, 4,84% juízas, 5,62% médicas, 7,69% apresentadoras de TV, 5,87% arquitetas, 4,14% diretoras de cinema e 1,13% pilotas de avião. Mesmo quando possuem formação acadêmica e trabalham em cargos semelhantes aos dos homens brancos, as mulheres negras recebem menos que eles, trabalhando na mesma função. Ainda de acordo com o UOL (2019), os homens brancos recebem em média 159% a mais do que as mulheres negras.

Como forma de ilustrar as dificuldades que as mulheres negras enfrentam na sociedade atual, para alcançar êxito profissional, produzimos uma grande reportagem em vídeo sobre as limitações pelas quais elas se deparam na escola, universidade ou mercado de trabalho, ao estudarem e buscarem trabalho em suas áreas de estudo. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e produzimos um produto jornalístico com a temática que envolve questões raciais e sexistas, por observar a baixa presença de mulheres negras em ambientes considerados de grande prestígio profissional.

Procuramos mostrar, através da grande reportagem em vídeo, como o racismo e o sexismo podem afetar o desenvolvimento profissional das mulheres negras e influenciar em seu posicionamento no mercado de trabalho. Para isso, entrevistamos mulheres negras que possuem formação acadêmica e trabalham nas áreas em que escolheram se especializar; mulheres que se formaram, mas não conseguiram trabalhar em suas áreas de estudo. Também entrevistamos mulheres negras que não tiveram oportunidade de aprendizagem e outras que tiveram acesso à educação básica, mas não puderam ir a uma universidade. Além disso, conversamos com mulheres negras especialistas no tema, para nos inteirarmos mais sobre o contexto histórico de luta das mulheres negras.

Para a produção da grande reportagem em vídeo, elaboramos um roteiro para gravação do produto audiovisual, no qual incluímos dados e perguntas para as entrevistadas. A escolha da produção de uma grande reportagem em vídeo ocorreu por acreditarmos que este gênero nos permite maior aprofundamento do tema escolhido e, dessa forma, a abordagem feita do assunto fica mais completa. Como o tema é abrangente, foi possível coletar material o suficiente para uma maior abordagem sobre o histórico de luta dessas mulheres.

Ednalva Moura, gerente de relações institucionais do Pacto das Pretas, afirmou, em entrevista concedida à rádio CNN (GARCIA, 2023, online), que há anos as mulheres negras vêm lutando por melhores condições de vida. Idealizado pela

Associação Pacto de Promoção da Equidade Racial, o Pacto das Pretas é um fórum anual que ocorre em julho, cujo objetivo é evidenciar a participação das mulheres negras nos lugares de tomada de decisão. Por meio da utilização de dados coletados e das histórias de vida de nove mulheres negras, mostramos as adversidades com as quais as negras se deparam quando vão em busca de capacitação profissional, no contexto de uma sociedade sexista e racista. O principal objetivo foi mostrar que, mesmo com as dificuldades que surgem no meio do caminho, é possível alcançar melhores condições de vida através da educação. Segundo dados do IBGE (2022 apud FEIJÓ, 2022), 28,3% das mulheres negras fazem parte da População em Idade Ativa, porém, é o grupo com menor taxa de participação no mercado de trabalho.

As mulheres negras também apresentam a menor taxa de participação em comparação aos demais grupos demográficos. Entre os anos 2016 e 2019 essa taxa situava-se em torno de 52%, mas no 2º tri de 2020 caiu para 45,6%, atingindo seu menor nível desde 2012. Nos trimestres subsequentes a taxa começou a retornar lentamente para o nível pré-pandemia, mas ainda está 1 p.p. abaixo do 1º tri de 2019. Atualmente, das 48,8 milhões de mulheres negras em idade para trabalhar, apenas um pouco mais da metade (51,5%) está no mercado de trabalho, seja buscando emprego ou ocupada (IBGE, 2022 apud FEIJÓ, 2022, online).

**1.1 OBJETIVO GERAL:** Realizar uma grande reportagem em vídeo para mostrar os desafios que as mulheres negras enfrentam para estudar e trabalhar em suas áreas de estudo no contexto de uma sociedade racista.

#### **1.1.1 Objetivos específicos:**

1. Entrevistar mulheres negras que possuem formação acadêmica e trabalham em suas áreas de estudo ou em outras áreas.
2. Entrevistar mulheres negras que não tiveram oportunidade de estudar, ou estudaram, mas não foram adiante nos estudos.
3. Planejar e elaborar roteiro de grande reportagem para audiovisual.

#### **1.2 JUSTIFICATIVA**

Durante todo o curso de jornalismo, a autora constatou que não teve nenhuma professora negra na faculdade, o que a fez questionar a ausência de representatividade negra na docência, no ensino superior, e falar sobre o tema. Outro fator importante para a escolha do assunto abordado foi que, enquanto trabalhava

como vendedora na rua e mencionou que estava cursando faculdade e pagando com as vendas que fazia, uma senhora negra a disse: “Eu não fiz faculdade, por que você tem que fazer?” Isso a fez refletir sobre a frustração daquela senhora por não poder estudar, e a amargura a levava a acreditar que pessoas negras e pobres, como ela, também não poderiam frequentar a faculdade. Assim, a autora decidiu abordar a dificuldade enfrentada pelas mulheres negras para estudar, manterem-se na universidade e ingressarem no mercado de trabalho, optando por produzir uma grande reportagem em vídeo, o que a possibilitaria aprofundar-se mais no assunto.

Falar sobre o racismo institucional é importante para conscientizar a sociedade sobre as dificuldades que as mulheres negras enfrentam quando decidem estudar e trabalhar em suas áreas de estudo. Pois, segundo Djamila Ribeiro (2018), é a existência dele que faz com que a população negra enfrente desigualdades no acesso à educação de qualidade. Quando as mulheres negras, que em sua grande maioria não frequentaram uma boa escola e vivem em condições sociais precárias, vão prestar vestibulares concorridos para os principais cursos em universidades públicas, dificilmente conseguem aprovação. Geralmente quem alcança notas suficientes para entrar nesses espaços são pessoas que frequentaram escolas particulares de elite, possuem proficiência em outros idiomas e tiveram experiências de intercâmbio (RIBEIRO, 2018). Infelizmente, é o próprio racismo estrutural que contribui para facilitar o acesso desse grupo privilegiado. Devido a isso, a mulher negra está sub-representada nas instituições acadêmicas, o que limita a mobilidade social e dificulta o acesso dessas pessoas a esses espaços educacionais (RIBEIRO, 2018).

Segundo Ribeiro (2018) no mercado de trabalho as barreiras que as mulheres negras enfrentam não são diferentes, pois, são frequentemente excluídas de oportunidades profissionais significativas. Portanto, é necessário combater o preconceito racial e promover uma sociedade mais justa e igualitária. A baixa presença de mulheres negras em cargos importantes não costuma causar estranheza nas pessoas brancas, já a existência de pessoas negras em espaços de poder desperta curiosidade e admiração. No entanto, devemos refletir sobre a falta de representatividade negra em cargos de liderança, na literatura, nos estudos acadêmicos e na mídia. Além disso, é fundamental agir para transformar essa realidade, considerando que a população negra representa quase 56% do Brasil, segundo o IBGE, o que a torna a maior nação negra fora da África. É preciso desconstruir olhares condicionados pelo racismo e criar oportunidades em locais

pouco acessados por pessoas negras. Pois a falta de representatividade negra no ambiente de trabalho, inclusive em posições de liderança, torna esse espaço especialmente vulnerável a manifestações de racismo (RIBEIRO, 2019).

De acordo com videodocumentário postado em 10 de agosto de 2021, no canal UOL Prime, de nome “Racismo perverso: desigualdade racial moldou vidas de mulheres negras”, apenas 16,24% das professoras universitárias são negras. Embora, em sua grande maioria, a docência seja composta por mulheres, nas instituições de ensino superior o cenário é outro, a presença das mulheres é menor, em especial, as negras (HOOKS, 1989 apud SILVA, 2021). Em 2016, apenas 1,34% das mulheres pardas eram docentes e 0,4% das negras estavam incluídas no quadro de pós-graduação do Brasil (GONÇALVES, 2018 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). Muitas jovens negras com bons currículos desistem da carreira acadêmica por causa do preconceito que enfrentam nas universidades (HOOKS, 2005).

Segundo Malpighi (2020 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022), a inserção das mulheres negras no ensino superior vem aumentando, assim como a quantidade das que conquistam o diploma de graduação. No entanto, a maioria dessas mulheres enfrentam dificuldades para ingressar em programas de pós-graduação, como mestrado e doutorado. Quando vão para o mercado de trabalho, muitas delas, mesmo tendo formação universitária, não encontram políticas públicas que apoiem suas contratações (MALPIGHI et al., 2020 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). Além disso, quando conseguem uma colocação profissional em suas áreas de interesse, sofrem com a discriminação salarial e a falta de reconhecimento, ganhando menos que seus colegas brancos e homens que exercem as mesmas funções (FEIJÓ, 2022). Segundo o Censo da Educação Superior de 2019 (IBGE, 2019), 7,1% das matrículas de graduação foram realizadas por pessoas negras e 31,1% por pardas, em 2019 (FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). Dados do IBGE mostram que as mulheres estão tendo maior acesso ao ensino superior, porém, ainda são minoria entre os docentes de nível superior. O censo da Educação Superior de 2019 mostrou que elas representam 46,8% dos professores de instituições de ensino superior no Brasil (IBGE, 2019).

A escolha da produção e gravação de uma grande reportagem audiovisual, para abordar a temática das mulheres negras nos estudos e no mercado de trabalho, ocorreu com o intuito de ter a possibilidade de aprofundamento do tema.

## 2.METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso resulta em um projeto experimental em forma de grande reportagem em vídeo de 12 minutos e 12 segundos. Para compreender o tema, recorreremos à pesquisa bibliográfica e, para fazer a reportagem, foram utilizados dados estatísticos, além de entrevistas com pessoas que vivenciam essa realidade.

Entrevistamos mulheres negras de diferentes histórias de vida e profissões variadas. A pedagoga aposentada Edileusa Gomes de 59 anos, a arquivista Clarice Manguta Ita de 48 anos, a professora Gláucia Santana de 42 anos, a administradora e contadora Mayara de Araújo de 31 anos, a restauradora de livros Marlene Paraguai de Albuquerque de 47 anos, a auxiliar de serviços gerais Ana Lúcia Rodrigues de 37 anos, a jornalista e repórter Beatriz Albuquerque de 25 anos, a estudante de pedagogia Letícia Machado de 20 anos, a empregada doméstica Andreza Regina Costa da Silva de 48 anos e a chefe de estação do Metrorec - CBTU Maria Lucrécia Damásio de 65 anos.

De acordo com o “Dicionário de Comunicação”, a reportagem é um conjunto de arranjo utilizado para confeccionar uma notícia jornalística, processo que envolve cobertura, apuração, seleção dos dados, interpretação e tratamento (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 638 apud ROEHRS, 2014).

### 2.1 PAUTA

A jornalista Lenira Alcure (2011), em seu livro “Telejornalismo em 12 lições” considera a pauta como uma proposta que apresenta uma ideia e sugere um ou mais tópicos que se relacionam com essa ideia por meio de semelhanças ou diferenças. Além disso, ela identifica fatos, ações e pessoas cujas atitudes e opiniões justificam, explicam, argumentam contra ou a favor de um determinado assunto.

Para levantar os argumentos e eixos narrativos da história a ser contada, é necessário pesquisar dados anteriores em diversas fontes, como a internet, material impresso e outras fontes. Também é importante descobrir os relatos dos personagens que viveram situações relacionadas, buscar opiniões de especialistas e pessoas comuns, e pensar nos vários ambientes em que os acontecimentos se desenrolam e em que época (presente, passado ou futuro provável). Por fim, é fundamental sugerir

imagens relacionadas à proposta, sem as quais não se justifica o uso do aparato televisivo (ALCURE, 2011).

A pauta é o mapa que vai lhe guiar em sua narrativa sobre acontecimentos reais, não ficcionais. Ela fornece os fundamentos para a construção da notícia, que nada mais é senão a versão organizada do que o repórter leu, viu, ouviu, sentiu, analisou. É uma história verdadeira que se conta para o público espectador (ALCURE, 2011, pag. 45).

Nilson Lage (2014), descreve a pauta como a preparação de uma edição ou seção em redações organizadas por editorias, como cidade, política, economia, entre outras. Ela implica na criação de uma relação de eventos a serem destacados no noticiário e dos temas a serem explorados em reportagens. Além disso, esse processo pode envolver considerações logísticas e técnicas, como a perspectiva de interesse, o tamanho planejado da matéria, os recursos disponíveis para a realização do trabalho e sugestões de fontes. Cada elemento desse planejamento é denominado "pauta" e pode ser designado a um repórter específico. O repórter pode se referir a uma pauta atribuída a ele como uma tarefa, ou a uma pauta que propôs como "minha pauta". Essa prática é comum, especialmente entre freelancers (LAGE, 2014).

Pautas de notícias devem conter: (a) o evento; (b) hora e local; (c) exigências para cobertura (credenciais, traje etc.) e contatos para confirmação ou detalhamento da tarefa; (d) indicação de recursos e equipamentos (se com fotografia ou sem; condições para captação de imagens etc.); (e) o que se espera em termos de aproveitamento editorial (tamanho, duração, previsão de destaque ou urgência) e, no caso das redes de rádio e televisão, a possibilidade de emissão local, regional ou nacional: a localização dos eventos e até a identificação de algumas pessoas é feita diferentemente se a matéria é dirigida ao público de uma cidade ou se destina a um estado inteiro ou a todo o país (LAGE, 2014).

## 2.2 REPORTAGEM

Kotscho (2001) diz que Grande Reportagem é o nome dado, nas redações de jornalismo, às matérias com maior extensão, aquelas que buscam abordar um determinado assunto em profundidade, explorando todos os seus lados. Porém, elas não são chamadas grandes reportagens simplesmente por serem consideradas grandes em suas estruturas físicas, mas também, por terem um alto custo financeiro para a empresa e exigir uma dedicação e disponibilidade maior do repórter.

O autor ainda acrescenta que não basta ser apaixonado pela produção das grandes reportagens. O profissional que se dispõe a fazer este trabalho deve ter consciência da grande responsabilidade que carrega, pois não pode haver erros na

cobertura. Para diminuir os possíveis riscos de fracasso, há uma única maneira de se preparar bem antes de começar a cobrir os fatos. O que é possível através da leitura de matérias já publicadas sobre o assunto, para se informar sobre o tema e não repetir histórias já divulgadas.

O profissional também deve montar com calma o roteiro e saber quem é preciso procurar para compor cada um de seus pontos, analisar quem são os personagens, quais são os lugares mais ricos e em quais circunstâncias a história está inclusa. Feito isso, o que surgir no momento de improviso será lucro (KOTSCHO, 2001).

De acordo com Lima (2004), a reportagem permite uma maior ampliação das notícias e a extensão dos detalhes, através da horizontalização do assunto, já a verticalização do conteúdo abordado é definida como o aprofundamento das informações. Enquanto a notícia é breve, a reportagem vai fundo na cobertura do fato, do assunto ou personalidade (SODRÉ; FERRARI, 1986 apud NETO; BRITO, 2010).

Podemos dizer que uma reportagem surge a partir de notícias contadas no dia a dia sobre um determinado assunto; quando uma notícia é apurada mais a fundo, torna-se uma reportagem. A análise dos fatos de forma mais detalhada faz da reportagem uma matéria exclusiva no telejornalismo. “A reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas do telejornalismo. O objetivo sempre é contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta, segundo tais autores” (BARBEIRO; LIMA, 2002 apud EMERIM, 2010, pág. 7).

A grande reportagem é um produto jornalístico de colaboração enriquecedora para o jornalismo, por proporcionar ao autor a possibilidade de compartilhar conhecimentos valiosos, o que carimba o perfil profissional do autor, como relata Degl'iesposti (2009).

A construção da grande reportagem, em que o narrador se transporta para dentro da condição do outro, convive com suas fontes, observa o cotidiano das pessoas e compartilha experiências e ambientes de cada personagem, traz uma grande contribuição ao jornalismo, pois permite captar e registrar experiências com marcas de autor. É um mergulho nos mistérios do mundo por meio da reportagem (DEGL'IESPOSTI, 2009, p. 181 apud DOMICIANO; RIBEIRO, 2016, p. 15).

Eugênio Bucci, no livro “A arte da reportagem” (FUSER, 1996, apud SILVA; HENTSCHEL; SALONI, 2005), compara a reportagem com a arte. Para o autor, ela

tem como objetivo fundamental trazer um significado mais atraente aos acontecimentos diários, o que a põe acima das ocorrências do cotidiano.

De acordo com Bucci (FUSER, 1996, apud SILVA; HENTSCHEL; SALONI, 2005), para passar compreensão dos acontecimentos o repórter precisa sentir, pois é a partir do sentimento que surge diante das ocorrências que ele consegue compreender as situações e descrever os fatos de forma compreensível, relata ele:

(...) o repórter deve entender o que tem a narrar. E, para entender, precisa sentir. Só então ele ordena o caos (e escreve, encadeando os fatos como são encadeadas as palavras). Porque o repórter sente, as reportagens emocionam. Porque ele entende, elas informam. (Informação, não custa repetir, é um dado que contém sentido para o leitor. Ou não será informação, mas apenas um dado a mais, perdido) (FUSER, 1996 apud SILVA; HENTSCHEL; SALONI, 2005, p. 22).

A reportagem é o aprofundamento de fatos que já foram noticiados de imediato, no momento da ocorrência, porém, o que a diferencia da notícia é o tempo maior que há para sua cobertura. Ela possibilita a contextualização dos fatos e não precisa ser divulgada imediatamente. A reportagem não dispensa totalmente a novidade do assunto, ele precisa ser recente, no entanto não é necessário que seja tão imediata.

Além da investigação dos acontecimentos, a reportagem também é composta de interpretação. Enquanto a informação é ampla por abrigar uma diversidade de dados, a reportagem foca em um determinado assunto para retratar. O autor ainda acrescenta que “a informação jornalística é o espaço privilegiado da reportagem especializada” (LAGE, 2011, p. 51 apud SANTOS, 2019).

O objetivo da reportagem é ir mais a fundo nos assuntos já vistos e ampliá-los, através de uma maior contextualização do assunto, permitindo que quem tem acompanhado os fatos ocorridos, entenda melhor a situação geral. A grande-reportagem permite um maior aprofundamento nos fatos e possibilita que o autor vá além dos padrões utilizados na confecção da notícia (LAGE, 2011, p. 51 apud SANTOS, 2019).

Ricardo Kotscho, em seu livro “A prática da reportagem” (2001), fala da possibilidade que quem escreve tem de fazer uma reportagem de várias formas pois seu resultado final vai depender da criatividade de quem for elaborar e do sentimento contido em quem escreve. A única exigência é que haja honestidade por parte da pessoa, caráter e bons princípios.

O processo de criação de uma grande reportagem é um trabalho minucioso que exige paciência. O autor precisará juntar detalhes de situações que todos conseguem ver e amarrar na composição de uma grande reportagem.

Kotscho (2001, p. 71) relata quão fascinante é a produção de uma grande reportagem: “A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia — e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício”.

As autoras do livro “Técnicas de reportagem e entrevista em jornalismo”, Cleide Floresta e Ligia Braslauskas (PRADO, 2009), abordam o fato de as reportagens surgirem a partir de um trabalho intensivo de apuração e investigação, juntamente com o desejo que o autor da reportagem tem de saber fatos ocorridos para relatar de maneira correta e didática. Devido ao trabalho minucioso que há na produção de uma grande reportagem, o jornalista costuma passar dias ou até semanas trabalhando em pautas com essas características. As reportagens também podem contar com áudios e vídeos, os quais servem de apoio para melhor compreensão.

O jornalista não pode fazer uma grande reportagem apenas baseando-se no que acha, ainda que tenha liberdade para fazer sua própria interpretação dos fatos narrados. Em uma reportagem, ele precisa ter como base informações passadas por fontes que estejam por dentro da temática abordada. Diante disso, a grande reportagem em vídeo é composta de entrevistas a fontes diversas (PRADO, 2009).

### 2.3 ENTREVISTA

De acordo com Vogel (2009 apud MARTENDAL; CORRÊA, 2015), a entrevista é o principal instrumento na execução da atividade jornalística e seu dever fundamental é apurar as informações ou o conhecimento do entrevistado. A autora também pontua quão importante é que os papéis estejam bem definidos para que o público perceba quem é o entrevistado e entrevistador (VOGEL, 2009 apud MARTENDAL; CORRÊA, 2015).

Sobre o conceito de entrevista, Medina (2002, p. 8) descreve como metodologia de convívio entre as pessoas. Relata ele:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação. Em todos estes outros usos das

Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p. 8 apud MARQUES, 2007, p.15).

As pessoas que não são da área da comunicação dificilmente conseguem saber quais informações devem passar para criação de um conteúdo jornalístico que seja suficientemente satisfatório às necessidades do público sedento por notícias sobre o que está acontecendo no mundo. Geralmente, as informações passadas são vagas, até que o jornalista prepare perguntas, que são formuladas a partir de suas curiosidades ou da curiosidade de terceiros, e a partir daí, ele realiza entrevistas, essas compõem produtos jornalísticos enriquecedores.

Para Caputo (2006, p. 28, apud MARQUES, 2007), a entrevista é a oportunidade que o profissional tem de chegar mais perto de uma determinada realidade, através do assunto abordado e de sua observação, fazendo uso das perguntas elaboradas como ferramenta. O autor ainda acrescenta: "(...) O que sinto, e apenas sinto, é que, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro" (CAPUTO, 2006 apud MARQUES, 2007).

No livro "A reportagem", o autor Nilson Lage (2014) define o conceito de entrevista em jornalismo e fala sobre o significado da palavra "entrevista", que, de acordo com ele, é ambíguo. Relata Lage:

A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos. A palavra entrevista é ambígua. Ela significa (a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; (b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; (c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b). Os procedimentos de apuração foram discutidos no capítulo que tratou de fontes. Restam, portanto, os itens (b) e (c) (LAGE, 2014).

## 2.4 APURAÇÃO

No processo de construção de uma reportagem, há a etapa de apuração. Sobre o conceito de apuração jornalística, Bahia (1990, p. 40) descreve como "o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto" (BAHIA, 1990, p. 40 apud SANTI, 2010, p. 9). A etapa de apuração na produção de matéria de cunho informativo também pode contar com:

Métodos e técnicas qualitativas como a etnografia, a observação participante e a entrevista em profundidade, poderiam complementar a apuração jornalística, os quais já não forneceriam a variedade de habilidades necessárias para uma completa cobertura noticiosa em um ambiente atual de mídia interativa e global (MACHADO, 2003 apud SANTI, 2009, p. 10).

O processo de apuração se inicia com pesquisas realizadas sobre o tema que será abordado na matéria. Em sequência, o jornalista entrevista fontes diversas para levantar mais informações ou confirmá-las. Nessa etapa, as questões devem basear-se no que o repórter tem como objetivo ter como produto final, ou seja, o propósito da matéria deve estar bem definido, para poder determinar o que será perguntado e de que forma a questão será apresentada. Mesmo com os objetivos em mente, é preciso que o jornalista fique atento, pois no decorrer da apuração pode ser que o repórter precise ir até outras pessoas que não foram pensadas anteriormente (PRADO, 2009).

De acordo com as autoras do livro “Técnica de reportagem e entrevista em jornalismo, roteiro para uma boa apuração”, Cleide Floresta e Ligia Braslauskas (PRADO, 2009), além de outros detalhes considerados importantes para a prática do jornalismo, o jornalista deve ter disposição para ouvir o entrevistado. Relatam, elas:

Entrevistar pessoas, levantar dados, checar informações — ninguém duvida de que sejam coisas muito importantes durante uma apuração. Há até quem defenda que durante a entrevista a capacidade de ouvir seja a principal característica de um jornalista (PRADO, 2009, p. 42 - 43).

Mesmo com toda preparação anterior à execução da cobertura de um determinado fato, é importante que o repórter não saia com a mente focada em ouvir apenas pessoas que ele imagina que irão confirmar sua linha de raciocínio, pois “...onde fica a apuração e a notícia? Se o profissional começar a escolher o entrevistado para ouvir o que quer, estará cometendo um grande erro. Além de ser antiético” (PRADO, 2009, p. 45). Portanto, o jornalista deve ficar vigilante a respeito das fontes que irá entrevistar. Toda essa preocupação parte do desejo de não limitar a visão de quem vai ter acesso à reportagem, que busca, no material jornalístico, ajudar a formar opinião pública sobre os fatos. Outro aspecto fundamental é a curiosidade que o jornalista deve ter, por mais que já tenha obtido diversas informações sobre o assunto, deve pensar como leigo, no momento de apuração de uma matéria.

Além de tudo, é essencial buscar opiniões divergentes sobre um mesmo fato, realizar pesquisa de dados em páginas especializadas no tema, para levantamento e

apuração da reportagem e certificar-se sempre de que o site é sério e conceituado. Porém é bom lembrar que a internet não pode ser a única fonte pesquisada. Por fim, os dados pesquisados e analisados cumprirão o objetivo desejado, visto que, “A partir da apuração, os dados têm de falar por si. A apuração tem de responder a todas as perguntas da reportagem, mesmo que o jornalista acredite saber o que acontece” (PRADO, 2009, p. 68).

## 2.5 DECUPAGEM

Para Lenira Alcure (2011), a decupagem desempenha um papel essencial na criação do roteiro e no processo de edição. Essa terminologia tem origem no francês "découpage", que se traduz como cortar ou picotar, sendo originalmente utilizada no contexto da edição cinematográfica.

No telejornalismo, decupar é fazer um rol de indicações de TC (time code) da fita bruta. O TC é expresso em oito algarismos (horas). Sempre indicar o número completo (00:00:00:00) para evitar confusões na edição (ALCURE, 2011, pag. 72).

Para aqueles que estão começando, é aconselhável transcrever todas as falas gravadas, proporcionando opções variadas para a edição final. Os segmentos escolhidos das entrevistas serão, posteriormente, incorporados ao roteiro definitivo, incluindo os áudios com os seus respectivos Tempos de Cortes (TCs).

Em reportagens cotidianas, as entrevistas geralmente não são extensas. Se as perguntas forem diretas, é possível extrair uma ou duas declarações de 10 a 20 segundos, um tempo geralmente suficiente para que alguém forneça um depoimento. A transcrição completa das entrevistas possibilita a seleção das melhores partes para as declarações sonoras.

## 2.6 ROTEIRO

O roteiro geralmente é composto por textos, informações sobre as imagens disponíveis, ou sugestões de imagens a serem gravadas, e tempo de duração de cada elemento. A área de texto costuma incluir as SONORAS, que são as partes selecionadas das entrevistas realizadas, os OFFS, os quais são os textos gravados em áudio para acompanhar as imagens da matéria jornalística e as passagens, momentos em que o repórter aparece falando alguma informação relevante no meio da história retratada (ALCURE, 2011).

A parte titulada como “imagens” costuma indicar no roteiro todo o material de vídeo que foi gravado e será usado no momento da edição. Já o roteiro escrito antes do início da coleta de imagens serve para sugerir vídeos a serem gravados (ALCURE, 2011).

De acordo com Lenira Alcure (2011), alguns enquadramentos indicados para filmagens de produto jornalístico são o "stand-up", que envolve o relato da história contada pelo repórter no local do evento ou em um local próximo ao fato. Outra sugestão é o "flash", ele ocorre quando o repórter começa olhando para a câmera, introduz o tópico e depois direciona o foco para o entrevistado, com o cinegrafista enquadrando e destacando a imagem do entrevistado. Em seguida, a cena retorna ao repórter, que é o autor da matéria.

A autora também indica o "plano geral", que é um formato de enquadramento que permite visualizar todo o ambiente, fornecendo uma visão ampla do cenário. O "plano americano", que apresenta uma imagem destacada do repórter do joelho para cima, enquadrando-o dentro do cenário. Além do "plano médio e de conjunto", os quais mostram pessoas da cintura para cima, um pouco abaixo da linha do busto, como é comum em bancadas de telejornais.

Por fim, há o "plano médio close up", que destaca o repórter com um corte da linha do busto para cima e o "contraplano", o qual representa a perspectiva do repórter durante as perguntas ou em silêncio, acompanhando as respostas do entrevistado.

## 2.7 EDIÇÃO

Em seu livro “Direção de Câmera” Harris Watts (1999, p. 61), fala sobre contar histórias a partir da criação de vídeos:

...faça a sua história acontecer o máximo possível em frente da câmera; depois edite as imagens e o som para que digam o máximo possível da história e, em seguida, insira a narração para aqueles trechos da história em que ela possa ser utilizada da maneira mais econômica e eficiente possível (WATTS, 1999, p. 61).

Sobre a etapa que envolve edição, Watts (1999, p. 69 - 70), diz que "Editar é mais uma arte do que uma ciência" e que "Editar é algo criativo e uma tremenda fonte de satisfação".

A proposta de edição começa com a listagem do material. Neste processo, é preciso orientar o editor para que ele aproveite ao máximo os vídeos gravados e o

restante dos materiais produzidos. Para isso, o editor tem que saber qual é o objetivo do programa, quais as cenas que deve destacar, o visual desejado no momento de gravação e o estilo que a edição deve ter. O editor pode seguir seu modo de fazer as edições, mas precisa ver todo o material que pode usar. Em alguns casos, o diretor disponibiliza um documento escrito ou deixa que as tomadas direcionem o editor de acordo com o contexto. Além disso, é necessário assistir todo o material para ver o que é mais relevante e ter uma ideia melhor de como organizar as cenas (WATTS, 1999).

Em segundo lugar, é necessário realizar um plano de edição, que é feito de forma escrita. Ele consiste em preparar uma lista com as tomadas, seguindo uma sequência que possa contar a história desejada da melhor forma possível. O recomendável é que a tomada inicial seja impactante e que o plano de edição seja feito com base nas tomadas que se tem em mãos, não nas que se desejava ter antes. É preciso incluir as fontes sonoras no plano de edição e evitar colocar a sonora logo após uma narração e depois outra sonora e outra narração. Para manter o som mais limpo e dar um ritmo melhor ao vídeo, o ideal é colocar um som ambiente ou de algum elemento sem narração entre a narração e a sonora. Barulho muito forte de elementos em movimento não deve ser acompanhado de narração. Já vistas do ambiente completo e de pessoas lendo ou dirigindo exigem narração (WATTS, 1999).

Em seguida, deve-se verificar a primeira montagem, que ocorre logo após o plano de edição e é uma fase importante, por ser o primeiro momento em que será possível analisar como as imagens gravadas ficarão na ordem desejada. Após essa avaliação, é hora de prestar atenção nos detalhes, ver se as tomadas são as melhores e se o tempo de duração está de acordo. Para manter o interesse do público, cada tomada deve durar apenas o tempo necessário. O vídeo deve ser editado de forma a eliminar partes desnecessárias, buscando a brevidade e a clareza. No entanto, deve-se evitar cortes em momentos de movimento de câmera ou de descompasso entre som e imagem. Também não se deve interromper tomadas da mesma cena ou de mesma duração, nem alternar tomadas de elementos estáticos, pois isso causa uma sensação de descontinuidade. Um bom vídeo deve ter dinamismo e variação de ritmo para não se tornar monótono (WATTS, 1999).

## 2.8 A IMPORTÂNCIA DA PASSAGEM DO REPÓRTER

O repórter é a figura humana mais característica do jornalismo, tanto para as pessoas em geral, como para jornalistas (LAGE, 2014). Dada sua importância, fazer uma grande reportagem em vídeo com passagem do repórter dá um toque especial a esse produto jornalístico. Com o surgimento dos primeiros repórteres na sociedade, a responsabilidade e identidade profissional dos jornalistas que passaram a trabalhar nessa função foram se estruturando pouco a pouco. Enquanto essa inclusão acontecia, os primeiros repórteres iam sendo cada vez mais solicitados, como relata Lage (2014), em seu livro “A Reportagem”:

À medida que a figura do repórter se definia, que ele se tornava importante, que era mais vezes acionado para cobrir os fatos sociais — os crimes, as agitações de rua, as guerras e os debates parlamentares —, mas se instauravam contradições entre os relatos jornalísticos e os preconceitos valores sustentados pelas elites e pelos anunciantes. Já não se podia, como antes, tratar os protestos populares como casos de polícia, desviar fundos públicos ou massacrar povos coloniais, mantendo tudo em segredo (LAGE, 2014).

O jornalista Ricardo Kotscho, em seu livro “A prática da reportagem” (2001), fala sobre a importância do repórter se portar como porta-voz, já que vive em contato direto com as pessoas, pois esse contato o permite saber melhor o que é de interesse público, em tempo real (KOTSCHO, 2001).

O manual de telejornalismo escrito por Vera Íris Paternostro (1999) afirma que a passagem do repórter no meio da matéria reforça sua presença no conteúdo coberto e precisa ser gravado durante os fatos ocorridos. A autora ainda fala que a passagem do repórter pode ser ao lado do entrevistado ou ligando temas diferentes inclusos em uma única matéria: “[...] gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento” (PATERNOSTRO, 1999, p.147).

Por fim, Paternostro alerta sobre a importância de não tornar a passagem algo mais importante do que a própria notícia em si: “A passagem nunca deve ser mais importante do que a notícia, como, por exemplo, o repórter gravar a passagem em primeiríssimo plano, enquanto o Papa desce as escadas do avião, ao fundo” (PATERNOSTRO, 1999, p. 213).

Na reportagem, é preciso ter sensibilidade para ponderar e ver onde melhor se encaixa cada elemento que compõe uma matéria. De acordo com os autores Bistane

e Bacellar (2005), “algumas peças se encaixam melhor na passagem do repórter, outras, nos trechos selecionados das entrevistas, e as restantes compõem o off que será coberto com imagens” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p.23 apud VALLE, 2007).

A passagem do repórter na matéria também contribui para dar credibilidade ao conteúdo apresentado, como descreve o livro *Jornal Nacional*: “a Auricom permitiu ao repórter aparecer nas matérias durante as reportagens, (...), o que dava maior credibilidade ao noticiário” (MEMORIA, 2004, p. 33).

### 3.MULHERES NEGRAS

A população negra vem de um contexto histórico de dominação racial severo. No período de escravidão os negros eram tratados de forma desumana, como se fossem apenas ferramentas de trabalho, o que trouxe para os tempos atuais consequências drásticas, como a exclusão social sofrida por pessoas negras (OLIVEIRA, 2022). Dentro dessa realidade, temos as mulheres negras, que ficavam com a responsabilidade de realizar todos os trabalhos domésticos e, apesar de todas as mudanças que ocorreram no mundo do trabalho, do tempo da colonização até os dias de hoje, são elas que continuam trabalhando como faxineiras, babás, cozinheiras, lavadeiras e outras ocupações que não exigem escolaridade para serem desempenhadas e ainda oferecem um baixo salário (ALCÂNTARA; SILVA JÚNIOR, 2020 apud OLIVEIRA, 2022).

Todo o histórico de inferiorização das pessoas negras deu origem ao racismo institucional, uma forma de opressão que ocorre a partir do funcionamento das instituições. O que não diz respeito a uma forma de preconceito racial particular de uma pessoa com relação a outra, mas sim, a maneira como as instituições interagem com cada pessoa. E nesse contato haverá desvantagem ou privilégio, o que determina uma opção ou a outra é a raça a qual o indivíduo pertence (ALMEIDA, 2020; apud PEREIRA; PEREIRA; POCAHY, 2021).

Segundo Carneiro (2020 apud PEREIRA; PEREIRA; POCAHY, 2021), a inteligência torna-se qualidade própria dos brancos.

A excelência e a competência passam a ser percebidas como atributos naturais do grupo racialmente dominante, o que naturaliza sua hegemonia em postos de mando e poder. Nunca ouvimos alguém se levantar, além da minoria de mulheres feministas ou militantes negros, quando o secretariado é composto em sua totalidade por homens brancos. Encara-se como natural. Não se coloca em questão se a competência ou a qualificação técnica foram devidamente contempladas nas nomeações (CARNEIRO, 2020, p. 280; apud PEREIRA; PEREIRA; POCAHY, 2021).

A forma de tratamento diferenciada sobre as quais os negros são tratados resulta na desigualdade social, que, de acordo com Oliveira (2022), acontece quando as pessoas não têm acesso igual às oportunidades oferecidas e são excluídas de obter os mesmos direitos que outras pessoas. As desigualdades são melhor avaliadas através das classificações de classe, gênero e raça, portanto são necessários para analisar a situação das mulheres negras nos estudos e mercado de trabalho.

A desigualdade social é um fator que pode levar a diversas formas de discriminação e o hábito de discriminar é o que faz com que as pessoas se botem em uma posição superior às outras e as trate como inferiores, o que acaba causando separações ao invés de inclusão social (SOARES, 2008, p. 107 apud OLIVEIRA, 2022). Em oposição a isso, temos, atualmente, o Ministério da Igualdade Racial, que procura promover políticas públicas de igualdade social para incluir a população negra em ambientes educacionais e trabalhistas.

No início das pesquisas realizadas pela autora sobre a situação educacional das mulheres negras no Brasil, não havia sido publicado o Informe do Ministério da Igualdade Racial, então, foram utilizados dados de pesquisas gerais sobre mulheres e negros. Em setembro de 2023, o documento de monitoramento e avaliação foi publicado, fazendo uma análise de diversas pesquisas, entre elas, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. As informações avaliadas deram base para uma análise descritiva mais específica sobre os indicadores da educação e do mercado de trabalho relacionados as mulheres negras, o que evidenciam os efeitos do racismo e do sexismo sobre as condições de vida dessas mulheres (BRASIL, 2023). Tais dados foram adicionados aos tópicos abaixo. Com base nos estudos de Romão (2005) e Domingues (2008), o Ministério da Igualdade Racial (BRASIL, 2023) pondera:

A população negra historicamente foi mantida à margem do sistema educacional brasileiro, sendo expressamente proibida de frequentar escolas, durante o período colonial ou tendo seu acesso restrito aos negros livres, durante o período imperial. Com a Proclamação da República e a política de branqueamento, apesar de não proibido, o acesso da população negra à educação era bastante limitado e somente no início do século XX começa haver mudanças substanciais por força do movimento negro organizado (BRASIL, 2023).

### 3.1 EDUCAÇÃO BÁSICA

De acordo com dados do IBGE (2019), a taxa de analfabetismo entre as mulheres de 15 anos ou mais é de 6,3%. Na faixa etária de mulheres mais velhas, com 60 anos ou mais, a porcentagem sobe para 18,0%. Das pessoas brancas e pretas ou pardas de 15 anos ou mais, 3,6% das brancas são analfabetas e 8,9% das negras ou pardas não sabem ler nem escrever. Entre as pessoas negras de 60 anos ou mais, 9,5% das pessoas brancas são analfabetas e 27,1% das pretas ou pardas não tiveram estudo. Ainda segundo as pesquisas do IBGE de 2019, entre as mulheres, 51% passaram a ter o ensino médio completo. Das pessoas de cor branca,

57,0% completaram o ensino básico educacional, enquanto 41,8% das pessoas pretas ou pardas alcançaram o segundo grau completo.

Em 2022, a taxa de analfabetismo entre as mulheres negras foi de 6,9%, enquanto para as mulheres brancas foi de 3,4%. Os dados do mesmo ano revelam que a média de anos de estudo para as mulheres negras foi de 11,6 anos, enquanto para as mulheres brancas foi de 12,7 anos. Já em 2017, 89% das pessoas com 19 anos completaram o ensino fundamental e 68% concluíram o ensino médio (SIMÕES, 2019 apud BRASIL, 2023).

O percentual de estudantes negras e negros teve um aumento considerável em 2018. O percentual era de 34,2%, em 2003, e subiu para 51,2%. Essa mudança impactou a participação percentual da população negra no total de estudantes do ensino superior. Em 2001, as pessoas negras representavam 22% dos estudantes matriculados nesse nível de ensino, em 2015, esse número aumentou para 43,7%. A participação das mulheres negras também teve um crescimento significativo, em 2012, elas representavam 22,3% das estudantes, e em 2017, esse número subiu para 28%. O número praticamente se igualou ao das mulheres brancas, que caiu de mais de 34% para 28,9% (SILVA, 2020 apud BRASIL, 2023).

### 3.2 ENSINO SUPERIOR

De acordo com reportagem do Jornal da Tarde, da TV Cultura, publicada em 10 de agosto de 2021 no canal de jornalismo da emissora no *youtube*, houve um aumento da quantidade de mulheres negras estudando em universidades públicas brasileiras, o que mostra um avanço nas políticas públicas de inclusão racial na educação superior. Os dados da reportagem foram coletados pelo IBGE e analisados por um grupo de pesquisadores, que puderam comprovar que 27% dos estudantes de ensino superior são mulheres negras (CULTURA, 2021). O que facilita a entrada dessas mulheres no ensino superior são as políticas de igualdade racial, de gênero e o sistema de cotas de renda.

A melhora na conclusão do ensino médio, em conjunto com políticas de inclusão, como as cotas em instituições federais de ensino superior, o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Programa de Financiamento Estudantil (Fies), facilitou o acesso ao ensino superior dos estudantes menos privilegiados socioeconomicamente (BRASIL, 2023, p. 8).

Houve aumento no número de mulheres negras que entraram no ensino superior, no entanto, poucas alcançaram o mestrado e doutorado (MALPIGHI et al., 2020 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). Ele ainda acrescenta que as negras que fizeram pós-graduação não encontraram políticas afirmativas que apoiassem suas contratações para adentrarem no mercado de trabalho. Em 2016, apenas 1,34% das mulheres pardas eram docentes e 0,4% das negras estavam incluídas no quadro de pós-graduação do Brasil (GONÇALVES, 2018 apud FREITAS; SANTOS; JACINTO, 2022). No livro “Quem tem medo do feminismo negro?”, Djamila Ribeiro fala que mesmo os negros sendo maioria no Brasil, ainda assim, há uma quantidade muito pequena de estudantes negros na academia e isso ocorre por causa do racismo institucional, que dificulta o acesso da população negra a esses espaços (RIBEIRO, 2018).

No livro “Manual Antirracista” (2019), Djamila Ribeiro fala sobre a dificuldade que os negros têm de passar em uma universidade pública e afirma que, por causa do racismo estrutural, os negros não têm total acesso a uma educação de qualidade. Geralmente as universidades públicas são frequentadas por pessoas que estudaram em escolas particulares de referência e o racismo estrutural facilita a entrada desse grupo na universidade (RIBEIRO, 2019). Ribeiro ainda acrescenta em seu livro que é difícil que haja indicação de bibliografias produzidas por mulheres negras nos cursos e acrescenta que a presença delas em discursões universitárias e intelectuais é nula. Refletindo sobre a afirmação da autora e observando o ambiente acadêmico que vivenciei, realmente não tive indicação de bibliografias escritas por mulheres negras, talvez por não existir muitos livros escritos por mulheres negras e também porque os poucos que existem não são conhecidos. A escritora ainda acrescenta em seus escritos que há uma anulação da capacidade intelectual que as mulheres negras têm “... aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar” (RIBEIRO, 2019).

Na faixa etária de 18 a 24 anos, a frequência líquida das mulheres negras no ensino superior é de 22,3%, enquanto as mulheres brancas somam 40,9% e os homens brancos 30,5%. Nos últimos anos muitas mulheres conseguiram entrar na faculdade e a quantidade ultrapassou a dos homens, porém, entre o corpo docente de nível superior, as mulheres representam 46,8% da quantidade total de professores de ensino superior (IBGE, 2019).

Neste nível de ensino, na Universidade de São Paulo (USP), apenas 0,2% das mulheres negras são professoras nas instituições de ensino superior, a porcentagem de docentes brancos e brancas é de 94,6%. Segundo pesquisa de José Jorge de Carvalho (2006 apud GONÇALVES, 2018), “não existe ainda um censo racial nacional da docência nas universidades públicas e a sua própria inexistência já é um forte indício da resistência da classe acadêmica de enfrentar-se com sua condição racial” (CARVALHO, 2006 apud GONÇALVES, 2018). Mesmo o Brasil sendo um país multirracial, o grau de segregação racial é grande se comparado a outros países de mesma formação racial. Comprovamos isso quando observamos que há, nas universidades públicas brasileiras, um baixo número de professoras e professores negros (CARVALHO, 2005 apud GONÇALVES, 2018).

O artigo “A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior”, os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) de 2016, mostram que houve pouca mudança na situação das mulheres negras no ensino superior nos tempos atuais (GONÇALVES, 2018).

O Inep ampliou a pesquisa para Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do Brasil e constatou que, de um total de 383.683 docentes destas instituições, apenas 1,34% declararam-se negras ou negros. O Censo da Educação Superior de 2016 revela que as mulheres pretas com doutorado somam 0,4% do corpo docente na pós em todo o país (GONÇALVES, 2018, p. 11).

### 3.3 MERCADO DE TRABALHO

O Brasil vem perdendo muitas pessoas talentosas por causa do racismo, em especial, mulheres negras, ao submetê-las ao subemprego. O Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades, em uma pesquisa, apontou que apenas 1% dos negros são advogados ou sócios de escritório de advocacia (CEERT apud RIBEIRO, 2019). Com quase 56% da população brasileira negra é de se questionar a ausência de pessoas negras no ambiente de trabalho, em cargos de gerência e em outros espaços considerados de poder, no entanto, a baixa presença de pessoas negras não costuma causar incômodo, o que pode deixar tais ambientes suscetível a violência racista (RIBEIRO, 2019). Quando as mulheres negras são vistas em espaços considerados de poder costumam ser confundidas com copeiras, faxineiras ou prostitutas, quando estão em hotéis de luxo. O problema não está nessas profissões, mas sim no fato das mulheres negras serem vistas a partir de estereótipos

considerados inferiores (RIBEIRO, 2019), como se elas só pudessem frequentar tais lugares nessas posições e não tivessem a possibilidade de serem pessoas bem-sucedidas profissionalmente.

De acordo com dados PNAD/IBGE analisados pelo BLOG DO IBRE (FEIJÓ, 2022), canal de comunicação de política econômica e políticas públicas da Fundação Getúlio Vargas, em 2022 havia 28,3% de mulheres negras na População em Idade Ativa (PIA), o que o tornou o grupo de maior representatividade. De 48,8 milhões de mulheres em idade de trabalhar, apenas 51,5% estão procurando emprego ou trabalhando. Esses dados mostram que as mulheres negras possuem a menor taxa de participação em comparação aos demais grupos demográficos. Entre as mulheres negras a taxa de desemprego tem sido a maior em comparação com os demais grupos. No 1º trimestre de 2021, das mulheres negras incluídas na População em Idade Ativa 22,1% estavam desempregadas, entre os homens negros e as mulheres brancas/amarelas a porcentagem era de 13,8%, para cada grupo e entre os homens brancos/amarelos 10,0% está desempregado.

A participação das mulheres negras na População em Idade Ativa (PIA) estava em 28,3%, em 2022, o que significa que houve um aumento de 2,3% se comparado ao ano de 2012, cuja taxa era de 26%. Ainda assim, as mulheres negras representam a menor taxa de participação em comparação com outros grupos demográficos, segundo apontam dados do IBGE, divulgados e analisados pelo Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), Unidade de Pesquisa, Análise, Produção e Disseminação Estatística Macroeconômica e Pesquisas Econômicas Aplicadas da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A avaliação também mostra que, na atualidade, apenas 51,5% das mulheres negras em idade de trabalho estão no mercado de trabalho, empregadas ou buscando emprego, das 48,8 milhões de mulheres negras em idade ideal para o mundo do trabalho.

Em 2018, cerca de 48% das mulheres negras ocupadas estavam em trabalhos informais, entre as mulheres brancas o percentual foi de menos de 35%. O que contribui para a pior inserção das mulheres negras no mercado de trabalho em comparação com as mulheres brancas, é o nível de escolaridade baixo (BRASIL, 2023).

As mulheres negras são mais de 67%, dos 6 milhões de trabalhadores domésticos, 75,3% dessas mulheres trabalham sem carteira assinada e 64,7% não contribuem com a previdência social. A baixa renda familiar coloca 26,2% das

mulheres negras em situação de pobreza e 13,4% em extrema pobreza (DIEESE, 2023 apud BRASIL, 2023). As condições de trabalho precárias fazem com que o rendimento médio das mulheres negras seja menor, em comparação com o das mulheres brancas, em 2018, as negras tiveram menos de 60% do rendimento das brancas e menos de 45% do dos homens brancos.

#### 4.PROCESSO DE PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

A composição da grande reportagem em vídeo começou com uma série de entrevistas que se estenderam por seis dias. A primeira entrevistada foi Marlene Paraguai de Albuquerque, que é graduada em História e possui outras especializações. Encontramo-nos com ela em sua sala de trabalho, no dia 1 de novembro, filmamo-la trabalhando e gravamos a entrevista. Marlene passou 14 anos atuando como professora pelo estado de Pernambuco e desde 2016 trabalha no restauro dos livros da biblioteca pública do estado. A segunda foi Andreza, no dia 3, que não foi alfabetizada, trabalhou como empregada doméstica quando teve oportunidade e atualmente vive de auxílio do governo.

No dia 4 de novembro, a entrevistada foi a Clarice Manguta Ita, que começou a faculdade de contabilidade, mas não pôde finalizar por questões financeiras. Falamos com ela por videoconferência, porque ela havia viajado para Angola, porém a entrevista não pôde ser utilizada na reportagem em vídeo. Tivemos problema na captação do áudio dela, a gravação que foi feita da tela do notebook, através do programa OBS Estúdio ficou boa, mas o local onde ela estava tinha uma baixa conexão com a internet e não conseguimos registrar os áudios das respostas dela, a gravação também foi feita via câmera externa, ainda assim o áudio não saiu bem. Tentamos falar com ela via vídeo por dois dias seguidos, no primeiro dia a Internet dela estava ruim, e ela não conseguiu entrar na conferência, e no segundo pegou, houve a conversa, mas a gravação ficou com a voz dela baixa. No primeiro contato que tivemos com ela, estava chovendo muito na cidade onde ela estava e a conexão não estava pegando para fazer chamada de vídeo.

Em 6 de novembro, às 10h, entrevistamos Mayara de Araújo, no escritório de administração onde ela trabalha (no bairro do Recife Antigo) e ela falou sobre a dificuldade de encontrar trabalho em contabilidade, sua área de estudo. Como sua formação também a permite atuar como administradora, ela trabalha na administração de uma empresa no ramo financeiro de imóveis e presta serviços como contadora para alguns microempreendedores por conta própria, nas horas vagas. No mesmo dia, no horário da tarde, encontramos Edileusa Gomes, no parque Dona Lindu. Ela é aposentada há 7 anos, mas trabalhou como pedagoga pela prefeitura do Cabo de Santo Agostinho durante 28 anos e falou sobre os preconceitos que sofreu por ser negra e mulher, enquanto estudava e trabalhava nas décadas passadas. Na manhã do dia 7 de novembro entrevistamos Gláucia Santana, que é professora

efetivada pelo município de Paulista desde 2018, e trabalha na Escola Municipal Escritor Ariano Vilar Suassuna, onde realizamos a entrevista. Ela falou sobre as dificuldades que enfrenta dentro da sala de aula por causa do racismo estrutural e como ensina os alunos a lidar com tais situações.

Encontramos uma estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário Brasileiro (Unibra), no início da tarde do dia 7 de novembro, e a convidamos a participar da entrevista, ela aceitou e falou sobre os preconceitos raciais que já enfrentou na época da escola e da falta de professoras negras na faculdade que cursa.

Na quarta-feira dia 8 de novembro, às 10h, entrevistamos a jornalista Beatriz Albuquerque, no Parque 13 de maio. Ela é repórter da TV Jornal/SBT e da Rádio Jornal e falou como é ser uma jornalista negra na TV. À tarde falamos com a auxiliar de serviços gerais Ana Lúcia Rodrigues, que trabalha em uma empresa terceirizada que presta serviços para o Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Pernambuco. Embora ela considere o quartel dos bombeiros um local tranquilo de trabalhar, disse que tem vontade de voltar a estudar e trabalhar em outras áreas, pois o seu trabalho exige grande esforço físico, o que o torna cansativo. Mas, por não ter concluído o ensino fundamental, não tem outras oportunidades de emprego no momento. Até para o emprego que ela está atualmente seria necessário o Ensino Médio completo, porém, recebeu indicação de uma amiga quando estava desempregada e conseguiu ser admitida mesmo tendo concluído o 5º ano do Ensino Fundamental.

Ao fazer imagens na estação do metrô do Recife, encontramos a dona Maria Lucrécia Damásio, que é chefe de estação do Metrorec – CBTU. Ela trabalha há mais de 30 anos no local, é funcionária pública, tem formação superior em Psicologia, já está aposentada, mas continua trabalhando na supervisão geral da estação do Recife. Ela precisou cobrir as férias de uma colega na estação Santa Luzia e a entrevista ocorreu na sala de comando da estação onde ela estava. Fomos recebidos na sala de supervisão, onde é possível observar a movimentação de toda a estação através das câmeras de segurança.

As gravações foram feitas com duas câmeras da marca Canon, uma T6i e outra T7, com lentes Canon 24mm e 50mm. Elas foram fixadas em tripés 3110, foram dois tripés, um para cada câmera. Usamos dois microfones K9, conectados ao celular Xiaomi Redmi 9\*, que captou os áudios da entrevistadora e da entrevistada. Tivemos problema ao conectar uma das câmeras no notebook Samsung de *Windows 11*, cuja

alta segurança excluiu um dos vídeos da entrevista com a Mayara, que estava na câmera T6i, porém ainda tínhamos o vídeo da Canon T7 e não perdemos a entrevista. Para captação dos áudios que foram utilizados nos OFFs, usamos um celular Xiaomi 13 Lite, todos foram gravados em um único dia. As passagens da repórter também, gravamos quatro vídeos pequenos introduzindo a temática da entrevista ou os entrevistados. Os vídeos foram feitos na frente da biblioteca pública do estado, dentro da biblioteca, no parque 13 de maio e na frente de uma escola.

Outras pessoas seriam entrevistadas, como uma representante da Secretaria das Mulheres do Estado de Pernambuco, que teve problema de saúde e não pôde participar. Uma senhora que trabalha vendendo livros na rua também desmarcou por problemas pessoais. Também tentamos falar com uma professora negra, que atua como procuradora federal, mas não tivemos retorno e não encontramos nenhuma outra dentro do prazo para conclusão do trabalho. Entramos em contato com uma profissional de ciências da computação que ficou de participar da entrevista antes, porém, acabou desistindo. Por se tratar de uma reportagem em vídeo, ela optou por não participar, disse que a preocupação era a disponibilização de dados dela e que pessoas dessas áreas são cismadas com essas questões. A repórter da Globo, Lílian Oliveira, também seria entrevistada, mas a Globo não permitiu que a imagem dela fosse captada. Uma psicanalista ia ser entrevistada, mas precisou desmarcar por questões familiares.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de realizar uma grande reportagem em vídeo para mostrar os desafios que as mulheres negras enfrentam para estudar e trabalhar em suas áreas de estudo no contexto de uma sociedade machista e racista. Os objetivos específicos foram entrevistar mulheres negras que possuem formação acadêmica e trabalham em suas áreas de estudo ou em outras áreas, entrevistar mulheres negras que não tiveram oportunidade de estudar, ou estudaram, mas não foram adiante nos estudos e planejar e elaborar roteiro de grande reportagem para audiovisual.

Entramos em contato com as entrevistadas e marcamos os dias das entrevistas; fomos no local de trabalho de algumas delas e outras entrevistamos em lugares próximos de onde trabalhavam, estudavam ou moravam. Para a composição do roteiro houve o processo de apuração de dados estatísticos e pesquisas sobre o assunto, hierarquização das fontes de acordo com o nível de estudo de cada pessoa e elaboração de perguntas específicas para cada perfil de entrevistada.

A situação das mulheres negras no Brasil é complexa e abrangente. Apesar da ausência de pesquisas nacionais específicas sobre a situação exclusiva das mulheres negras, os dados disponíveis sobre mulheres e negros de maneira geral possibilitam que pesquisadores interessados no assunto realizem avaliações e extraiam informações relevantes. No âmbito da educação e do trabalho, a presença de docentes negras nas instituições de ensino ainda é consideravelmente pequena. Embora existam pesquisas locais, a carência de dados nacionais dificulta uma análise abrangente. As políticas públicas voltadas para a igualdade racial e de gênero têm contribuído para a melhoria da situação educacional das mulheres negras, no entanto, persistem desafios a serem superados.

No que tange à convivência dos negros com pessoas brancas e preconceitos sofridos, verifica-se que em ambientes com significativa presença de pessoas negras, o preconceito racial tende a ser menos frequente. No entanto, quando as mulheres negras estão entre muitas pessoas brancas, podem enfrentar violências raciais ou perceber olhares de estranheza. Professoras negras em instituições de ensino particulares são praticamente invisíveis, e aquelas poucas que estão nesses ambientes frequentemente enfrentam preconceito racial. Contrastando, as professoras em escolas públicas, lidando com alunos e pais negros e de baixa renda,

não costumam sofrer violência racial, pois há identificação dessas famílias com o perfil da professora.

No domínio da pós-graduação e cargos de poder, a presença de mulheres negras em programas de mestrado e doutorado ainda é reduzida. Encontrar professoras negras em universidades públicas e privadas é um desafio considerável, e poucas mulheres negras ocupam cargos considerados de poder, resultando na perda de talentos devido ao racismo.

No âmbito do trabalho e representatividade, muitas mulheres negras estão empregadas em subempregos ou desempenham funções domésticas. Aquelas que ocupam posições de destaque frequentemente são as únicas em seus locais de trabalho, evidenciando a necessidade urgente de uma representatividade mais ampla. Em síntese, o Brasil enfrenta desigualdades significativas que requerem a implementação de mudanças substanciais para assegurar oportunidades equitativas para todas as mulheres, independentemente de sua raça ou origem.

A partir desta pesquisa observamos a baixa presença de mulheres negras em ambientes considerados de grande prestígio social, a falta de dados exclusivos sobre a situação social das mulheres negras, fatores que envolvem questões de gênero e raça, e a falta de políticas públicas efetivas. Todas essas questões podem ser estudadas em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ALCURE, Lenira. **Telejornalismo em 12 lições**: televisão. vídeo. internet..São Paulo: Puc Rio e Senac, 2011.

BRASIL. Ministério da Igualdade Racial. Informe MIR: Monitoramento e avaliação. Brasília, DF: Ministério da Igualdade Racial, 05 nov. 2023.

CANELLAS, Marcelo. Nem imparcial, nem engajado: O repórter como artífice da notícia.

CULTURA, Jornalismo Tv. **Mulheres negras representam o maior grupo nas universidades públicas brasileiras**. 2021. Disponível em: [https://youtu.be/T\\_\\_tRBakF60](https://youtu.be/T__tRBakF60). Acesso em: 5 jun. 2023.

DOMICIANO, Danielle Cândido; RIBEIRO, Izadora Nascimento. **Grande reportagem em vídeo futebol amador de são José dos campos**. 2016. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social Jornalismo, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2016.

EMERIM, Cárlica. O texto na reportagem de televisão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **O texto na reportagem de televisão**. Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-16.

FECHINE, Yvana; LIMA, Luisa Abreu e. **A linguagem da reportagem**. 23. ed. Recife: Ufpe, 2021. 77 p. (LIVRO - TEXTO).

FEIJÓ, Janaína. **A participação das mulheres negras no mercado de trabalho**. 2022. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FREITAS, G. L. T., SANTOS, J. da C., & JACINTO, P. M. dos S. (2022). **INSERÇÃO DA MULHER NEGRA NO MUNDO DO TRABALHO: uma revisão de literatura**. Boletim de conjuntura (BOCA), 9(26), 47- 63. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5933302>

GARCIA, Amanda. **Mulheres negras clamam por melhores condições de vida, afirma especialista**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulheres-negras-clamam-por-melhores-condicoes-de-vida-afirma-especialista/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

GONÇALVES, Renata. A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, [S.L.], v. 12, n. 22, p. 350, 19 dez. 2018. Anima Educação. <http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v12e222018350-367>.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Estudos feministas. Santa Catarina. ano 3, v. 3, n. 2, p. 464- 478, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>.

IBGE. Características gerais dos moradores 2020-2021. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua**, Rio de Janeiro, p. 1-8, jul. 2022.

IBGE. Educação 2019. **Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua**, Rio de Janeiro, p. 1-16, 2020.

IBGE. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 38, p. 1-12, 2021.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 11. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2014.

MARQUES, Fabiana Emília Pelles. **JORNALISMO EM PÊLO: um estudo sobre entrevistas publicadas na revista playboy**. 2007. 36 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

MARTENDAL, Luan Gustavo; CORRÊA, Stefanie Damazio. **QUANDO VOCÊ VOLTAR**. 2015. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MEMORIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

NETO, Fernandino Rodrigues do; BRITO, Rosildo Raimundo de. Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos projetos experimentais do curso de jornalismo da faculdade do vale do ipojuca. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 12., 2010, Campina Grande. **Livro-reportagem: uma análise da prática da grande reportagem nos Projetos Experimentais do curso de Jornalismo da Faculdade do Vale do Ipojuca**. Campina: Intercom, 2010. p. 1-15.

OLIVEIRA, Daniele Aderaldo de. A mulher negra, educação e trabalho: uma realidade desigual na sociedade brasileira. 2022. 22 f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na tv: manual de telejornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEREIRA, C. S.; PEREIRA, A. L.; POCAHY, F. MULHERES NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR: RESSONÂNCIAS E(M) ESCREVIVÊNCIAS. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1360–1377, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46i3.67872. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/67872>.

PRADO, Org. Magaly. **Técnicas de reportagem e entrevistas em jornalismo: roteiro para uma boa apuração**. São Paulo: Saraiva, 2009.

PRATES, Dinamara da Silva; ROTERMUND, Maria D'ourdes Guimarães. A INSERÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NOS CARGOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR. **Revista Metodista de Administração do Sul**, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 6, p. 39-81, jun. 2019.

PRETO, Canal. **Entenda o que é RACISMO ESTRUTURAL!** 2019. Disponível em: <https://youtu.be/lryL8ZAMq-E?list=PL66fh0aipBkLydFUzY8hjuZk6RnOJzRIB>. Acesso em: 6 jun. 2023.

PRIME, Uol. **"Mulher não nasceu pra ser escrava": por que desigualdade salarial ainda existe?. COMO ELA FAZ?.** 2021. Disponível em: <https://youtu.be/QTEaRAoC55Q>. Acesso em: 9 jun. 2023.

PRIME, Uol. **Racismo perverso: desigualdade racial moldou vidas de mulheres negras.** desigualdade racial moldou vidas de mulheres negras. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/kbg2T-h-WsE>. Acesso em: 6 jun. 2023.

PRIME, Uol. **Tabata Amaral, Djamila Ribeiro e a luta pela educação para mulheres.** COMO ELA FAZ?. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/NLeV-X0lahg>. Acesso em: 9 jun. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROEHRS, Douglas. **VIDEOJORNALISMO: conceitos e prática.** 2014. 109 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. O processo de apuração no webjornalismo de quarta geração. **Eco-Pós**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 3, p. 181-194, dez. 2009.

SANTI, Vilso Junior. O DESAFIO DA APURAÇÃO JORNALÍSTICA NO CIBERESPAÇO. **Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 24, p. 8-17, fev. 2010.

SANTOS, Bruna Falcão dos. **REPORTAGEM ESPECIAL CASINHA DA EMÍLIA: as chamas que ainda ardem.** 2019. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; DIOGO, Maria Fernanda; SHUCMAN, Lia Vainer. Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 17-32, 2014.

SILVA, Fabiana Pupio; HENTSCHEL, Ingrid Yuri; SALONI, Natália Mousinho. **GRANDE REPORTAGEM: suporte a disseminação do conceito educomunicação.**

2005. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2005.

SILVA, Laryssa Yasinshy Gomes da. **A representatividade da mulher negra no ensino superior**: enxergando a negritude na atividade docente. 2021. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama, 2021.

SIQUEIRA, Andressa Ângela; AMORIM, Mônica Maria Teixeira. Da presença de mulheres negras no ensino superior e na docência superior. **Educação, Escola & Sociedade**, [S.L.], v. 16, n. 18, p. 1-23, 2 dez. 2022. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIIMONTES). <http://dx.doi.org/10.46551/ees.v16n18a10>.

VALLE, Flávio Pinto. **Reflexões sobre o papel da Passagem no Telejornalismo**. 2007. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Juiz de Fora, 2007.

WATTS, Harris. **Direção de câmera**: um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Summus, 1999. 99 p.

## APÊNDICE A – Link para a reportagem

<https://youtu.be/k9eQxK5chz8>

## APÊNDICE B – Roteiro da reportagem

VÍDEO vê ou lê

AÚDIO ouve (palavras, música, ruídos) Tempo

<b><u>OFF1</u></b>	Historicamente, as mulheres negras vêm sendo vítimas de preconceito e discriminação. Aos olhos de uma sociedade ainda racista, elas continuam sendo consideradas incapazes de se desenvolverem intelectualmente e de irem bem na escola e em trabalhos que envolvem criatividade intelectual. Muitas dessas mulheres não estudaram, porque, entre outros motivos, a classe dominante, de certa forma, instituiu socialmente a ideia de que mulheres negras não poderiam frequentar uma escola, entrar em uma universidade e conseguir um bom emprego em suas áreas de estudo.	seg
<b><u>OFF2</u></b>	Para falar sobre as dificuldades que as mulheres negras enfrentam por causa do racismo estrutural, realizamos uma série de entrevistas e mostramos histórias de mulheres negras e os desafios que enfrentam para estudar e entrar no mercado de trabalho.	seg
<b><u>OFF3</u></b>	Por falta de oportunidade de estudo muitas mulheres negras não sabem ler nem escrever. De acordo com dados do IBGE, a taxa de analfabetismo entre elas foi de 6,9%, em 2022. Para ilustrar as dificuldades que as mulheres negras não alfabetizadas enfrentam para trabalhar e sustentar a família, entrevistamos Andreza Silva, também conhecida como Preta, uma mulher negra de 48 anos, que não teve oportunidade de estudo	seg
<b><u>SONORA1</u></b> <b><u>ANDREZA</u></b>	Quem não sabe ler é muita dificuldade ... porque a gente não tem oportunidade nas firmas para trabalhar, eu já trabalhei de doméstica em casa de família, como eu tenho um problema de asma crônica quando eu arranjava trabalho elas me botavam para fora, comecei a trabalhar com 15 anos ... em casa	seg

	de família. Se a gente tem estudo, alcança muita coisa ... A riqueza do pobre é o estudo.	
<b><u>OFF4</u></b>	Algumas mulheres negras conseguiram ultrapassar a barreira do analfabetismo, mas ainda assim, o caminho dos livros é menor para os negros, que estudam, em média, 8,5 anos, enquanto os brancos estudam 10. O tempo menor de estudo se reflete no nível de instrução. Apenas 10% dos negros com mais de 25 anos têm nível superior completo, entre os brancos a taxa é de 22%.	seg
<b><u>PASSAGEM1</u></b>	Segundo dados do IBGE de 2020, há maior inserção desse perfil nas categorias de desocupação, subocupação, subutilização da força de trabalho e alta taxa de ocupação em trabalho doméstico. E isso ocorre justamente pela falta de oportunidade de emprego destinado às mulheres negras,	seg
<b><u>OFF5</u></b>	Para falar sobre as questões que levam muitas mulheres negras a abandonarem os estudos, entrevistamos Ana Rodrigues, que atualmente trabalha como auxiliar de serviços gerais, e que na juventude precisou sair da escola para se dedicar ao trabalho doméstico e ajudar os pais na renda da família. Os sonhos de sua juventude foram frustrados pela necessidade financeira familiar e a única possibilidade de trabalho que ela encontrou foi em serviços domésticos.	min
<b><u>SONORA2</u></b> <b><u>ANA</u></b>	Eu preferi ir trabalhar ... comecei a trabalhar por causa da necessidade dentro de casa, arrumar trabalho é difícil para uma pessoa que não tem estudo, a maioria das vezes que eu trabalhei foi em casa de família, nada legalizado. Esse trabalho mesmo que eu arrumei foi através de conhecimento, tem coisas que você não consegue fazer por falta de estudo sei que para ter um trabalho melhor tenho que estudar, não tenho estudo	seg

	suficiente para outros cargos, parei na quarta série.	
<b><u>OFF6</u></b>	Graças à luta da população negra por acesso à educação superior, atualmente os negros estão tendo maior acesso à universidade, de acordo com o censo da educação superior de 2019, 31,1% das matrículas de graduação foram realizadas por pessoas pardas, e 7,1% por negras.	seg
<b><u>PASSAGEM2</u></b>	A luta da população negra por acesso à educação superior tem sido um fator importante para a mudança desse cenário. No entanto, quando a pedagoga aposentada Edileusa trilhou o caminho da educação básica e entrou na universidade, essa realidade era bem diferente.	seg
<b><u>SONORA3</u></b> <b><u>EDILEUSA</u></b>	Na minha família de seis filhos só quem tem ensino superior sou eu... No ensino fundamental, por causa do cabelo e da cor a turma me chamava de negra do cabelo duro, tem até aquela música que cantavam "negra de cabelo duro que não gosta de penteado" xingava minha boca por causa dos lábios grossos, me chamavam de beijola, foi uma fase muito difícil, eu chorava muito na escola ... não tinha muito amigo por conta disso. Meu pai dizia que filho de pobre não estuda, coloca a carteira debaixo do braço para procurar emprego... eu pensava: para que eu vou estudar, se tenho que trabalhar... fiquei dois anos sem estudar, fui trabalhar em casa de família ... fui fazer magistério,	seg

	no primeiro ano fui reprovada, na época uma professora disse que eu não dava para aquilo... repeti de ano, mas estudei e minhas notas foram ótimas...	
<b><u>OFF7</u></b>	Além dos desafios enfrentados para alcançar o ensino superior, ao chegar à uma universidade, percebe-se que pouquíssimas professoras são negras. A estudante de psicologia, Letícia Machado, conhece bem esse cenário de ausência de negras na universidade em que está matriculada e, bem antes disso, nas escolas onde estudou.	seg
<b><u>SONORA4</u></b> <b><u>LETÍCIA</u></b>	Sofri racismo... Em ambiente que não tem muitas mulheres negras ... de alguns pais de algumas escolas que eu frequentei... alguns professores meus...Onde estudei... tinha alunos negros, mas era uma minoria aqui na faculdade também sinto bastante isso uma turma muito grande e a minoria São negros ... professoras negras já tive, mas na faculdade não...	seg
<b><u>OFF8</u></b>	De acordo com o Ministério da Educação, 79,2% do corpo docente é composto por mulheres... no entanto, não há dados específicos sobre a quantidade de docentes negras na educação. A professora Glaucia Santana conta como costuma lidar com questões raciais dentro da sala de aula...	seg
<b><u>SONORA5</u></b> <b><u>GLAUCIA</u></b>	Eu falo para eles: você é capaz! Eu percebo que, muitas vezes, eles acreditam que não podem. Eles olham para o lado e o que eles vêem um cenário que não é satisfatório. Eu falo para eles vocês são capazes. Não acha que não são. você pode transformar o cenário hoje. Acredite em você e corra atrás, estude. Se dedique. Ah tia, eu quero ser um médico, por que não?	seg

<b><u>OFF9</u></b>	Apesar de maior acesso à educação superior, as mulheres negras ainda são minorias entre os docentes desse nível de ensino. Dados do censo da educação superior de 2016, apontam que apenas 1,34% das docentes são mulheres pardas e somente 0,4% mulheres pretas se encontram no quadro de pós-graduação do Brasil.	seg
<b><u>PASSAGEM3</u></b>	No meio deste cenário desafiador, alguma mulher negra consegue superar as dificuldades impostas pelo racismo estrutural.  Uma delas é Marlene, que é formada em história e trabalha em sua área: no restauro dos livros da biblioteca pública do estado.  Vamos ouvi-la.	seg
<b><u>SONORA6</u></b> <b><u>MARLENE</u></b>	Uma maneira de enfrentar o racismo é estudando... quando eu era estudante de ensino médio, tanto no ensino médio quanto quando eu comecei a dar aula eu percebi alguns comentários de estudante com outro, eu chorei bastante na escola sozinha e o estudo era o que me dava força, através dos estudos é que eu percebia que teria condições de enfrentar o racismo.	seg
<b><u>OFF10</u></b>	Outra mulher Negra que superou os desafios, estudou e, atualmente, trabalha em sua área de estudo é Mayara. Ela é formada em contabilidade e trabalha como administradora em uma empresa do ramo financeiro, ela nos contou sobre o que enfrentou para se formar e entrar no mercado de trabalho.	seg

<p><b><u>SONORA7</u></b> <b><u>MAYARA</u></b></p>	<p>Nas minhas condições acho que é a realidade da maioria das mulheres negras a gente tem que trabalhar e estudar então eu me vi numa situação em que eu estava desempregada tive que trancar o curso eu não tinha um suporte financeiro, tive que trancar meu curso por durante dois anos e me restabelecer financeiramente para poder voltar a estudar eu tive dificuldade para entrar e até hoje tenho no meu ramo de contabilidade, para conseguir emprego para limpar para atender é muito mais fácil, agora para conseguir na minha área de administração, contabilidade, setor financeiro é muito mais difícil.</p>	seg
<p><b><u>OFF11</u></b></p>	<p>Um levantamento realizado pela comunidade potência negra mostrou que 62% das mulheres afirmaram que fora discriminada no ambiente de trabalho. Ainda assim, algumas mulheres negras estão superando as barreiras impostas pelo racismo institucional e alcançando êxito profissional.</p>	
<p><b><u>OFF12</u></b></p>	<p>Maria Lucrécia é uma das mulheres negras que fizeram a diferença e alcançaram cargos importantes, ela é funcionária pública, trabalha como chefe de estação na metrorec – CBTU e cuida da fiscalização da estação do metrô do Recife.</p>	seg
<p><b><u>SONORA8</u></b> <b><u>LUCRÉCIA</u></b></p>	<p>Eu sentia assim... eu sempre teria que provar, tendo sempre que provar que eu era capaz de fazer muitas vezes era assim... não, porque é mulher, não tem capacidade para isso ... podia estar por trás a questão da cor... muitas vezes a questão do racismo é velada... Eu sempre acreditei, tô aqui, que pode ser pouco</p>	seg

	para algumas pessoas, mas eu tô aqui, eu abri espaço.	
<b><u>PASSAGEM4</u></b>	Na última pesquisa do perfil racial da imprensa brasileira apenas 20% dos profissionais de jornalismo se declararam pretos ou pardos. A repórter da TV jornal, Beatriz Albuquerque, conversou com a gente e falou sobre a baixa presença de jornalistas negras na TV.	seg
<b><u>SONORA9</u></b> <b><u>BEATRIZ</u></b>	Dentro do jornalismo ...algo que eu comecei a notar às vezes a gente passa por situações racista no cotidiano e a gente até demora para perceber... eu comecei a notar às vezes de eu estar em um ambiente e alguém se comportar como se eu não fosse a repórter que está ali tem uma estranheza no contato com a rua com as pessoas...é uma responsabilidade no telejornalismo de Pernambuco mas a gente se lembra da Graça Araújo da TV jornal, TV que eu faço parte... embora a gente tem essas pessoas a gente continua sendo minoria nas redações nos quadros de repórter então é uma responsabilidade de pensar como a gente está se posicionando, o que a gente está trazendo quando a gente tem a oportunidade de estar falando, a gente se posicionar... trazer esse assunto... se pensar no quadro da TV onde faço parte eu sou a única mulher negra hoje de repórter.	seg
<b><u>OFF13</u></b> <b><u>ENCERRAMENTO</u></b>	A situação das mulheres negras na sociedade tem mudado bastante nos últimos anos. Porém, é preciso políticas públicas efetivas que assegurem os direitos dessas mulheres a uma educação de qualidade e à entrada no mercado de trabalho em suas áreas de formação.	seg

## APÊNDICE C – Roteiro de perguntas

### 1 ANALFABETISMO E LIMITAÇÕES IMPOSTAS

(Andreza Silva) Analfabetismo.

- A senhora não teve oportunidade de estudar e aprender a ler, acredita que esse fato negou oportunidades importantes para sua vida?
- Quais tipo de oportunidade já perdeu por não saber ler?
- Já se viu enganada por outras pessoas por não saber ler?
- Já pensou que não tinha valor por não ter estudo?
- A senhora gostaria de estudar e aprender a ler? O que a impede de fazer isso?
- Quais oportunidades de trabalho que a senhora já teve na vida?
- Já se sentiu discriminada no local de trabalho?

### 2 SONHOS FRUSTRADOS POR FALTA DE OPORTUNIDADE E INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO (ÚNICA POSSIBILIDADE DE TRABALHO ENCONTRADA/OFERTADA)

Ana (Auxiliar de serviços gerais)

- O que te impediu de ir além nos seus estudos?
- Tem vontade de voltar a estudar? O que te impede de fazer isso?
- Já foi menosprezada por não ter concluído o ensino básico e não ter ido a uma universidade?
- Já se sentiu frustrada por não conseguir desenvolver atividades intelectuais por falta de conhecimento, causado pela falta de oportunidade de estudo?
- Você tem filhas mulheres e negras, que de repente podem enfrentar limitações de estudo e trabalho semelhantes às que você passou. O que você costuma dizer pra elas que gostaria que dissessem pra você na sua juventude?
- Você trabalha como funcionária de serviços gerais, já sofreu preconceito em seu local de trabalho por causa de sua cor de pele?
- No seu local de trabalho, alguém de cargo superior ao seu já te incentivou a estudar para que você tenha oportunidade de conseguir empregos melhores?

### 3 MÃE QUE SEGUIU EM FRENTE NOS ESTUDOS, INDEPENDENTEMENTE PRECONCEITOS SOFRIDOS POR CAUSA DA SUA COR DE PELE

Edileusa (Pedagoga aposentada)

Uma mãe negra que estudou e incentivou os filhos a estudarem.

- A senhora enfrentou racismo ou machismo na escola ou universidade?
- Como foi para a senhora lidar com essas questões?
- Já foi tratada como se não tivesse capacidade intelectual para desenvolver alguma atividade proposta?
- Hoje a senhora é aposentada na sua área de estudo, mas precisou percorrer um longo caminho até chegar onde está agora. Como foi sua entrada no mercado de trabalho?
- A senhora conseguiu trabalhar na sua área de estudo logo que se formou? Como foi sua carreira profissional do início até sua aposentadoria?

- Mesmo com todas as dificuldades que a senhora enfrentou para estudar, a senhora incentivou sua filha a estudar, que também é mulher negra, e hoje ela faz faculdade.
- Qual a importância dos estudos na vida profissional das mulheres negras?
- Acredita estar contribuindo para que haja uma mudança de estereótipos no mundo do trabalho para quem tem ensino superior?

#### 4 ESTUDANTE DE ENSINO SUPERIOR QUE JÁ SOFREU RACISMO NA ESCOLA E AINDA ASSIM CONTINUA ESTUDANDO, HOJE ELA É UMA DAS POUCAS MULHERES NEGRAS DE SUA TURMA DA FACULDADE (Letícia, estudante de psicologia)

Uma estudante de faculdade.

- Já sofreu preconceito por causa de sua cor de pele dentro da sala de aula?
- Já te trataram como se você não tivesse condições intelectuais de estar dentro de uma universidade por ser negra e bolsista?
- Já foi tratada como se fosse intelectualmente incapaz de desenvolver alguma atividade por alunos ou professores, por ser mulher negra?
- Você tem alguma professora negra que faça com que você se sinta representada dentro da sala de aula?
- E amigas negras como você, quantas além de você tem na sua sala de aula?

#### 5 DIFICULDADE PARA LIDAR COM O RACISMO NAS ESCOLAS

Professora Gláucia

Uma professora negra.

- Quantas professoras negras há no seu local de trabalho?
- já sofreu preconceito em seu ambiente de trabalho?
- já foi tratada como se fosse intelectualmente incapaz de ensinar?
- Já sofreu preconceito por ser mulher negra por parte de pais de alunos?
- já orientou alunas negras que estavam passando por preconceito?
- Quais as principais dificuldades que suas alunas negras passam referente a cor da pele?

#### 6 CAPACIDADE DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Uma formada que trabalha na área e é bem sucedida no trabalho.

Mayara (Contabilidade)

Clarice (Arquivista)

Marlene

Maria Lucrecia

Perguntas: A capacidade das mulheres negras de se superarem e alcançarem seus objetivos na vida. Fazer perguntas sobre a trajetória dela até alcançar a formação e o emprego desejado em sua área.

- A senhora enfrentou racismo ou machismo na escola ou universidade?
- Como foi para a senhora lidar com essas questões?
- Já foi tratada como se não tivesse capacidade intelectual para desenvolver alguma atividade proposta? o seu conhecimento era colocado em dúvida?

- Você se sentia representada dentro da sala de aula?
- Quantas mulheres negras havia na sua faculdade além de você? e professoras negras, a senhora teve?
- teve incentivo de alguém para estudar?
- Na sua família há outras pessoas formadas, além de você?
- Como foi sua entrada no mercado de trabalho? Você demorou para conseguir emprego? A senhora conseguiu trabalhar na sua área de estudo logo que se formou? Quais desafios você passou até chegar onde está agora? teve dificuldade para se inserir no mercado de trabalho?
- Você, profissionalmente falando, está onde gostaria de estar?
- Quantas pessoas negras trabalham com você?
- Em algum momento duvidaram de sua capacidade intelectual de se desenvolver em sua profissão?
- Você já duvidou de você mesma, já achou que não conseguiria?
- Quem foi sua grande referência de pessoa negra de sucesso na vida?
- Já pensou em desistir por causa dos preconceitos que sofreu?

## 7 LUTA DE JORNALISTA NEGRA PARA CONSEGUIR UM ESPAÇO NA TV

### Jornalista negra (Beatriz)

- Como é ser uma jornalista negra na TV?
- Sentiu falta de mulheres negras no telejornalismo para se inspirar quando pensou em fazer faculdade de jornalismo?
- Já sofreu preconceito ao chegar para fazer uma reportagem por causa de sua cor de pele?
- Quantas mulheres negras trabalham no mesmo ambiente de trabalho que você?
  
- Por que você acredita que vemos poucas mulheres negras como apresentadoras de jornal ou repórter?